

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Manhã (G.O.)

Class.: Semana do Índio

Data: 19 de abril de 1983

Pg.: 88

PÁGINA ABERTA

Índio, a face oculta do Brasil

LEONARDO CARMO

Uma das crises do Brasil é a de sua identidade, da sua unidade, povo, nação. Essa é uma questão controversa porque os nacionalismos descambam, não raro, para os totalitarismos. Veja-se o caso do fascismo, do nazismo, da sua versão tupiniquim, o integralismo. E que os nacionalismos precisam de uma ideologia para justificar sua existência de fato, enquanto Estado constituído. A organização de um povo reflete a sua ideologia que é a legitimação de sua forma de governo regida numa Constituição, isto é, o produto de uma cultura. De uma antropologia, da formação de um povo. O brasileiro tem sua formação étnica onde? No negro, no branco lusitano e nos povos indígenas.

Os negros — antes dos brancos sabermos — tinha (têm) a sua cultura, as suas formas de vida. Os índios também. O que aconteceu é que a civilização vinda nas caravelas, "descobrimos" o novo mundo, era marcada pela expansão econômica, que com a sua superioridade técnica dominou e colonizou outras culturas, povos e nações. E é dentro desse contexto que começa a História do Brasil — em 1500 — que, no dizer de Oswald de Andrade, antes de ser descoberto pelos portugueses tinha descoberto a felicidade. Mas isso virou piada, um jeito brasileiro.

A miscigenação do negro, índio e branco deu um tempero estudado por Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala; Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, e Retrato do Brasil, de Paulo Prado, para ficarmos em três autores. Isso sem mencionar a contribuição cultural de um Darcy Ribeiro ou de um Paulo Freire, entre outros renomados intelectuais brasileiros. Como estudos mais ou menos recentes — ao nosso alcance — citamos Ideologia da Cultura Brasileira, de Carlos Guilherme Mota, e Crítica da Razão Tupiniquim, de Roberto Gomes ou a Ideologia Curupira, de Gilberto Vasconcelos. Recorrendo a

criações literárias — O Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, Macunaima de Mário de Andrade, Serafim Ponte Grande de Oswald de Andrade — essas fontes querem dizer que, no centro de sua História o "povo brasileiro" tem se esbarrado na questão de sua identidade cultural, que está ligada às suas raízes antropológicas, não só como os outros povos do planeta, mas como um ponto central na sua política, no seu modo de ser, de se constituir como nação, alma, povo, gente.

Ai é preciso esclarecer que não se está afirmando que o nacionalismo seja sinônimo de reacionarismo. Veja-se o caso da unidade nacional nos países africanos que lutaram (e que ainda lutam) contra a imposição imperial-colonialista, tanto à direita quanto à esquerda em qualquer país do Terceiro Mundo que se faz valer dos argumentos de "Nação". A ideologia de justificação desse nacionalismo é que é a questão. O Brasil que sob o movimento de 1964 viveu sob os lemas ou "ideologias" de segurança e desenvolvimento hoje vive o lema de democracia e desenvolvimento. E a Política que se desenvolve no país se dá a partir desses princípios que estão alicerçados numa Constituição ferida, como ferido está o coração indígena, o coração de um povo, o primeiro que estava assentado cul-

turalmente nessa terra. Em pouco menos de 500 anos, o brasileiro vive — nos versos de Paulo Leminski "uma prefiguração em ponto pequeno do que pode acontecer com o Brasil ante nações mais civilizadas". Por isso ela — a identidade, e à face do índio como um componente fundamental desse rosto da Nação — é uma questão controversa. Porque ela trata da defesa de um povo; de uma nação.

O brasileiro é, falando por metáfora, um índio nas mãos da colonização tecnológica, nesse impacto e impasse de modernização desenvolvimentista que ocorre no país. A crítica porém não reside aí, ou seja na importância do brasileiro enquanto povo frente à dominação que lhe é imposta. Mas, sim, num desconhecimento de uma tragédia maior que é a cumplicidade no genocídio de um povo, porque o brasileiro nem sabe quem ele é, mas o índio mesmo esfacelado tem esse sentimento de unidade, de existir como nação. E por isso essa voz — a voz dos índios — tem se erguido para lutar pelos seus direitos. E a luta pelos seus direitos se dá em chão firme; para existirem, os índios precisam da terra, essa que nós brasileiros, também não possuímos.

A política com relação ao índio mediada pela FUNAI tem demonstrado os seus resultados. E entre inúmeros itens de "realidade" que o brasileiro tem que tomar consciência,

existe o da interação de que o brasileiro e o índio — de nações, culturas distintas — são um povo só. E que a luta que os índios enfrentam nos obstáculos da sua sobrevivência física no Brasil é uma questão dos brasileiros não por moral e civismo mas pela compreensão de que ele próprio está em extermínio, e que é necessário resgatar a memória cultural do índio, como se estivesse resgatando a sua própria vida.

Explica-se: ou fica-se nessas de divulgar informações sobre os problemas dos índios ou toma-se a atitude concreta de a partir dessas informações, mergulhar-se profundamente em nossas consciências para nos fazermos perguntas como esta: que nação brasileira é esta que permite matar seus filhos, — no nosso caso, útero gerador de vida, porque eles já estavam aqui? A intenção em realçar a questão indígena — além das estatísticas — para o homem brasileiro, não é para minorizar a cultura africana ou menosprezar a contribuição do europeu. É para chamar a atenção para um item simultaneamente básico na compreensão de nossa ideologia, da nossa nação no presente. O fato de o índio ser o elemento natural da terra somado ao seu processo de extinção através de roubos, saques e doenças, cria um problema violento. Forma de um sistema ecológico-cultural, essa conjunção — ou seus pontos gera uma fatalidade destrutiva.

A questão do índio, e não só do índio, ilumina ou obscurece em muito a nossa civilização. E preciso num certo sentido que o Brasil descubra novamente a felicidade. E que a demarcação de terras — entre outras coisas — para os índios seja não só a conquista de sua gente, mas a prova de soberania de nosso povo. E isso só vai ser conseguido com muito ritmo e cor; que o brasileiro descubra a sua pele e se enxergue nu, descolonizado, como branco, negro ou índio, na universalidade do ser humano.